

O MATERIALISMO HISTÓRICO NA EPISTEMOLOGIA DA ANÁLISE DO DISCURSO

HISTORICAL MATERIALISM IN THE EPISTEMOLOGY OF DISCOURSE ANALYSIS

Ilza Galvão Cutrim¹
Maxhemiliano Silva Marques²

Resumo: Este artigo analisa o Materialismo Histórico como campo constituinte da Análise do Discurso (AD). Partimos da concepção inicial da AD, concebida por Pêcheux e Fuchs, cujo interior articulava três regiões do conhecimento. Para o presente trabalho, focalizamos o Materialismo Histórico, considerando a leitura que Pêcheux fez de Althusser, e este de Karl Marx. Avaliamos como a mobilização desse quadro teórico foi essencial para voltar um novo olhar para os estudos da linguagem, saturados pelo Estruturalismo vigente. A análise permitiu julgar em que medida os conceitos advindos da concepção materialista da História moldaram a AD fundada por Pêcheux, dando-lhe sustentação filosófica e política.

Palavras-chave: Materialismo Histórico. Análise do Discurso. Estudos da linguagem.

Abstract: This article is a study of Historical Materialism as a discipline constituent of Discourse Analysis (DA). It starts from Pêcheux and Fuchs' primary understanding of DA, whose core connects three regions of knowledge. The present work is focused on Historical Materialism, taking into account Pêcheux's interpretation of Althusser, and the opinion of the latter on Karl Marx. The existence of this theoretical framework was essential to take a fresh look at language studies, which were saturated with the prevailing Structuralism. This analysis allowed to judge in what extent concepts original to the materialistic conception of History have shaped DA as founded by Pêcheux, offering philosophical and political underpinning.

Keywords: Historical Materialism. Discourse Analysis. Language Studies.

INTRODUÇÃO

A Análise do Discurso é uma disciplina que propulsiona grandes avanços nos estudos da linguagem desde sua fundação. Num movimento de superação à corrente estruturalista que reinava nos estudos da linguagem até então, em meio a um solo de revoluções que ocorreram na década de 1960, no qual se levantava a necessidade de novas teorias que dessem conta de explicar satisfatoriamente a relação entre linguagem, política e sociedade, nascia a Análise do Discurso a partir dos postulados do filósofo Michel Pêcheux e da linguista Catherine Fuchs. Cerceada de uma conjuntura política conturbada, Orlandi (1974

¹ Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus de Araraquara-SP. Professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: ilzagal@bol.com.br

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, Maranhão, Brasil. E-mail: max-lavigne@hotmail.com

apud Cavalcante, 2012, p. 290) afirma que “a análise do discurso [...] é o acontecimento mais importante, depois do estruturalismo, na França”.

Menos de cinco décadas após, já não é possível mais falar de uma só Análise do Discurso. São vários os tipos dessa disciplina que se ramificou, abarcando a produção discursiva desde o texto político, textos midiáticos até produções do cotidiano. Nessa esteira, não é possível mais afirmar que a concepção inicial de uma disciplina, que fundamentalmente se erguia a partir do empréstimo de conceitos de outras teorias, vigora até os dias atuais. Os analistas têm à disposição um maquinário de ferramentas capazes de dar conta de diversas produções languageiras, respondendo questões que envolvam a linguagem, considerando que esta não se acomoda meramente num sistema finito de regras, mas que é determinada historicamente, advém de práticas sociais específicas e materializa-se nos dispositivos comunicativos.

Diante a concepção inicial da disciplina, que articulava em seu interior o Materialismo Histórico, a Linguística e a Psicanálise, neste artigo, objetivamos analisar o Materialismo Histórico como campo primeiro de constituição da Análise do Discurso. Esse quadro teórico, muito fértil para a produção de conhecimentos nas Ciências Humanas, constituiu nova disciplina à Linguística, apresentando-lhe desafios: para o Estruturalismo herdeiro de Saussure, era problemático trazer à tona o sujeito da produção languageira, reafirmar que o signo possui natureza ideológica e interrogar a ausência de historicidade. Afirmar que a produção de sentidos é determinada pelas relações materiais que os sujeitos, em suas práticas sociais, vão fazendo a própria vida, exigia novo projeto, que a herança saussuriana não poderia mais comportar. Alcançaremos o objetivo proposto a partir da análise dos postulados de três importantes autores situados entre o Materialismo Histórico e o nascimento da disciplina Análise do Discurso: Marx, Althusser e Pêcheux.

2. AS BASES DO MATERIALISMO HISTÓRICO: Marx lê Hegel

A Revolução Industrial notadamente marcou a invenção da sociedade moderna; Karl Marx (1818 – 1883) e Freiderich Engels (1820 – 1895) apresentam-se como filósofos desse novo tempo. As contradições na esfera de produção capitalista que se materializavam nas relações entre a burguesia e o proletariado marcam um quadro social que consistiria fundamentalmente nas condições materiais que determinam as relações entre os sujeitos. Os filósofos alemães Marx e Engels, por meio de uma teoria científica, revolucionariam o modo de compreender o nascimento dessa nova ordem social, conforme destaca Netto (2008, p. 24):

É assim que, ligado à classe operária e sob o estímulo de Friedrich Engels, seu camarada de ideias e de lutas, Marx articulou, numa pesquisa que cobriu quase quarenta anos de trabalho intelectual, a teoria social que esclarece o surgimento, o processo de consolidação e desenvolvimento e as condições de crise da sociedade burguesa (capitalista).

Karl Marx envolveu-se em conflitos políticos em seu país de origem; posteriormente, exilou-se na Inglaterra. Assim, ligado a movimentos operários durante sua trajetória, o filósofo pôde testemunhar a formação do desenho da sociedade capitalista industrial, com a expansão das fábricas, do trabalho assalariado, o avanço das tecnologias e da competição desenfreada. Marx percebeu as contradições da sociedade capitalista, que nasce no seio das relações materiais entre os homens.

As ideias do filósofo Hegel influenciaram fortemente o pensamento de Marx e Engels. A dialética de Hegel, que segundo Gil (2014) consistia em admitir a hegemonia das ideias sobre a matéria, ou seja, que a ideia preexistiria ao real, conseqüentemente, todo real seria materialização da ideia, é reelaborado em Marx e Engels. Para eles, a ideia seria o próprio real configurado na mente do homem. Nas palavras do próprio Marx (1983, p. 20), “o ideal, ao contrário, não é mais do que o material, traduzido e transposto para a cabeça do homem”. Dessa concepção, compreende-se a realidade do homem é produzida a partir das condições materiais, dentro de relações de produção pré-determinadas. Surgia assim a base do método crítico-dialético: o caráter material da investigação deve se pautar pela realidade material dos indivíduos, e não em sua representação.

Ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu para a terra, aqui é da terra que se sobe para o céu. Em outras palavras, não partimos do que os homens dizem, imaginam, representam, tampouco do que eles são nas palavras, no pensamento, na imaginação e na representação dos outros, para depois se chegar aos homens de carne e osso; mas partimos dos homens em sua atividade, é a partir do seu processo de vida real que representamos também o desenvolvimento dos reflexos e das repercussões ideológicas desse processo vital. (MARX; ENGELS, 1998b, p. 19)

Ao observar as relações sociais que pautam o desenvolvimento da sociedade que se erguia, Marx e Engels deram grande atenção ao trabalho. Segundo ele, é por meio do trabalho que o homem domina as forças naturais, humaniza a natureza e cria a si mesmo, portanto, na perspectiva desses teóricos, o trabalho é o ato fundador do ser social.

[O trabalho] criou o próprio homem [...]. Primeiro o trabalho, depois dele, e ao mesmo tempo que ele, a linguagem, tais são os dois estímulos essenciais sob a

influência dos quais o cérebro de um macaco se transforma pouco a pouco num cérebro humano. (ENGELS *apud* CAVALCANTE, 2012, p. 115)

O modo de produção capitalista transformou o trabalho em uma atividade ligada ao sofrimento e à força. Segundo ele, essa transformação se deve à divisão social do trabalho, que se fundamenta na apropriação privada das fontes de produção. De um lado, a classe dominante, os capitalistas, proprietários dos meios de produção. Antagonicamente, do outro, a classe dominada, o proletariado, que é proprietária apenas de sua mão de obra, comercializada aos capitalistas em troca de salário. Nessa sociedade, o capital e os bens, e não a vida, que estão no centro da atividade econômica. Assim, Marx defende que conflitos advindos das relações de ordem econômica entre os homens determinam a evolução histórica.

Segundo Marx, no desenho da sociedade burguesa, o homem dispõe de meios para a exploração do trabalho do outro. Dessa forma, mesmo antes de o trabalho humano se realizar, este já pertence à outra pessoa, externa ao trabalhador. O trabalho não é lugar de realização pessoal, como diria Hegel, mas na análise da sociedade capitalista de Marx, é apenas um produto à venda no mercado de fatores de produção. Isso permite a apropriação do trabalho como se fosse uma espécie de mercadoria pela burguesia. Dessa forma, o salário era, na verdade, uma condição material para que o trabalhador se mantivesse vivo. A burguesia “reproduz a força de trabalho pagando salário aos trabalhadores com os quais eles podem alimentar-se e criar a próxima geração de trabalhadores” (CARNOY, 1990, p. 34).

De acordo Netto (2008, p. 164), a contradição fundamental do modo de produção capitalista seria “a contradição entre a **produção socializada** e a **apropriação privada**” (grifos do autor). Dela derivariam outras. Essa contradição fundamental forja o aparecimento de classes sociais. De acordo a ótica marxista, em toda sociedade existiriam as classes dominantes e as classes dominadas. Em prefácio da obra *Manifesto do Partido Comunista* (1998a, p.7), Engels esclarece:

Portanto, toda a história da sociedade, desde a dissolução do regime primitivo da propriedade coletiva sobre o solo, tem sido uma história de lutas de classe, de lutas entre classes exploradoras e exploradas, dominantes e dominadas, segundo as diversas fases do progresso social. Agora, essa luta chegou a uma fase em que a classe explorada e oprimida (o proletariado) já não se pode emancipar da classe que a explora e a oprime (a burguesia) sem emancipar, para sempre, a sociedade inteira da opressão, da exploração e da luta de classes.

Marx e Engels irão dizer que no bojo das relações de produção na sociedade capitalista, os detentores de capital dominavam o proletariado e que essa relação de

dominação se perpetuava pela ideologia. Tratar-se-ia, para ambos, de um instrumento de dominação que agiria alienando a consciência do homem e falseando as relações antagônicas entre capitalistas e trabalhadores que constituiriam a realidade. As ideias que materializam a ideologia forçariam o homem a projetar representações em sua consciência, portanto ela seria um produto fabricado a partir das condições materiais que a vida em sociedade impôs ao homem. Tal proposta refuta a autonomia da ideia, opondo-se à filosofia idealista de Hegel. Na visão de Marx e Engels, as ideias são reflexos das relações materiais pelas quais os sujeitos são determinados.

Sob a ótica marxista, as bases político-jurídicas e ideológicas da sociedade são chamadas de superestrutura. Por sua vez, as relações sociais de produção estão no nível da infraestrutura. Na visão idealista de Hegel, a superestrutura (o nível das ideias) determinaria a infraestrutura (as condições materiais de existência dos indivíduos). Marx e Engels, por sua vez, erigem o Materialismo Histórico por meio de uma virada em Hegel: para ambos, são as condições materiais que determinam o nível da ideologia. O modo de produção teria sua representação na ideologia e esta constituiria a mente do homem.

Na visão de Marx, a ideologia contribuía para a manutenção da estrutura social do capitalismo ao apagar as relações exploratórias que estariam no cerne da sociedade. Assim, o explorado não compreenderia que a causas de seus problemas estariam determinados pela estrutura econômica da qual ele é uma parte. A ideologia permitiria à burguesia assumir o papel de classe dominante numa sociedade, pois ela dominaria também o papel do Estado. Tal visão permite-nos perceber a centralidade do poder e o caráter material da história. Na concepção marxista, a história seria uma sucessão de lutas de classes que, por tomada de consciência por parte dos trabalhadores, promoveriam revoluções que determinariam os rumos da História.

Envolvidos em movimentos sociais junto ao proletariado de sua época, Marx e Engels produzem um amplo conjunto de obras que visavam desalienar o proletariado dos efeitos nocivos da ideologia que os impossibilitavam de perceber as contradições das relações de produção. Ambos estavam envolvidos na Liga dos Comunistas e juntos escreveram uma obra até hoje basilar: o *Manifesto do Partido Comunista*.

A adesão de Marx e Engels ao movimento operário, assim, era mais que uma opção política: era um imperativo de sua concepção teórica. Uma teoria social assentada numa ontologia do ser social que credita ao trabalho o fundamento da socialidade não tem no proletariado um elemento externo e contingente: identifica nele o sujeito concreto de sua razão de ser (NETTO, 1998b, p 28).

As pesquisas de Marx e Engels investigaram as contradições e tendências que marcam o modo de produção de seu tempo. Segundo os postulados desses autores, são essas contradições que permitiram a superação da organização social capitalista, apontando que o confronto entre as classes antagônicas geram revoluções que mudam o curso da história. Essa superação seria a rebelião das massas, formadas por classes operárias que se voltariam contra os burgueses e daria origem à sociedade comunista, uma nova forma de organização social e econômica que serviria de inspiração para movimentos de trabalhadores em todo o mundo.

É nessa esteira que Marx e Engels propõem um método científico para analisar as ideias dominantes na sociedade como reflexos primeiros do modo de produção capitalista em que os indivíduos estão mergulhados. Mais que isso, conceber a História como uma relação material entre sujeitos para desmascarar as relações de exploração e alienação do homem pelo homem, permitiria que a teoria fosse capaz uma ação transformadora do mundo, e não somente capaz de interpretá-lo.

O Materialismo Histórico de Marx e Engels, fundamentados sob um método crítico-dialético, vai se reger, de acordo Engels (1974, *apud* Gil, 2014, p. 13) sob três grandes princípios:

- a) **A unidade dos opostos.** Todos os objetos e fenômenos apresentam aspectos contraditórios, que são organicamente unidos e constituem a indissolúvel unidade dos opostos. Os opostos não se apresentam simplesmente lado a lado, mas num estado constante de luta entre si. A luta dos opostos constitui a fonte de desenvolvimento da realidade.
- b) **Quantidade e qualidade.** Quantidade e qualidade são características iminentes a todos os objetos e fenômenos e estão inter-relacionados. No processo de desenvolvimento, as mudanças quantitativas graduais geram mudanças qualitativas e essa transformação opera-se por saltos.
- c) **Negação da negação.** A mudança nega o que é mudado e o resultado, por sua vez, é negado, mas esta segunda negação conduz a um desenvolvimento e não a um retorno ao que era antes. (grifos do autor)

A partir da leitura de Althusser mais adiante, o Materialismo Histórico, que permaneceu o século seguinte sob o rótulo de determinismo econômico por alguns teóricos, será compreendido como a verdadeira ciência da história, um continente científico, como veremos a seguir.

3. IDEOLOGIA E APARELHOS IDEOLÓGICOS DO ESTADO: Althusser lê Marx

Notoriamente, para a compreensão de como Michel Pêcheux trouxe o Materialismo Histórico como região de conhecimento necessária para a edificação de uma nova disciplina,

é preciso verificar a quais projetos Pêcheux filiava-se na época para constituir a Análise do Discurso. Suas ideias baseavam-se, sobretudo, nos postulados de seu professor Louis Althusser, um filósofo de leitura marxista, docente da Escola Normal Superior. Os projetos de Althusser chamaram a atenção de Pêcheux, que logo se agregou ao grupo do primeiro. Ambos eram filiados ao Partido Comunista Francês.

Na década de 1960, Althusser e seu grupo dedicavam-se às releituras das obras de Marx e Engels. O que se tratava de uma grande inovação, pois a Escola Normal Superior era frequentada por acadêmicos da elite francesa. Assim, após a ampla divulgação dos crimes do regime stalinista na experiência comunista da União Soviética, os estudiosos althusserianos desejavam retornar a Marx, em busca de erguer as ideias do filósofo alemão como método científico.

É preciso destacar que até essa década, o marxismo sofria da falta de prestígio acadêmico. Esgotado, os adeptos dessa corrente teórica limitavam-se apenas a reproduzir os textos de Marx, sem corporificar o Materialismo Histórico como método científico. Ao reler as ideias de Marx e Engels, Althusser e seu grupo avistaram uma ciência carente de desenvolvimento científico. Ao crer na potencialidade do Materialismo Histórico, os projetos teóricos de Althusser trataram, dessa forma, de desenvolver o marxismo.

Marx fundou uma ciência nova: a ciência da história. [...]. As ciências que nós conhecemos estão instaladas em alguns grandes 'continentes'. Antes de Marx estavam abertos ao conhecimento científico dois continentes: o continente-Matemática e o continente-Física. [...] Marx descortinou para o conhecimento científico um terceiro continente: o continente-História. [...] (ALTHUSSER, 1980, p. 157)

Nos estudos althusserianos, compreende-se o Materialismo Histórico de Marx como a ciência da História. Althusser compreende a teoria de Marx como um terreno sólido, chamando-o de continente científico. É nessa esteira que o filósofo postula que para promover as epistemes sociais à condição efetiva de ciências, é preciso que elas estejam inscritas nesse continente científico, pois, naturalmente, as ciências humanas já se acomodariam nele. Assim, “todas as ciências devem ser questionadas a partir da filosofia do materialismo histórico a fim de se libertarem dos resíduos ideológicos” (GREGOLIN, 2004, p. 46).

Ao celebrar o nascimento de uma ciência da História, Althusser afirma que Marx “substituiu teorias ideológicas por uma teoria científica ao elaborar um sistema de conceitos científicos novos onde apenas havia um arranjo de noções ideológicas” (ROCHA, 1976, p. 3). Nessa esteira, Althusser elege o Materialismo Histórico como a teoria que oferece meios para

dar autonomia científica à História. Supera-se a filosofia clássica que insistia apenas em interpretar o mundo (constituindo dessa forma uma maneira singular de ideologia), enquanto que a ciência da história de Karl Marx visava transformá-lo. Althusser (1979, p. 34) afirma que o Materialismo Histórico possui como objeto “os modos de produção que surgiram e que surgirão na história. Estuda a sua estrutura, a sua constituição e as formas de transição de um modo de produção para outro”. As elaborações de Marx, que vão além de uma teoria de base econômica, permite o estudo pela ciência das formações sociais e suas estruturas, com sujeitos reais determinando suas formas de existência a partir de condições materiais que lhes são dadas.

Althusser concebe um modo de produção (ou formação social) como uma totalidade orgânica: um modo de produção tem uma base econômica chamada de infraestrutura e as instâncias político-jurídicas e ideológicas que são chamadas de superestrutura (MUSSALIM, 2011). Gil (2014) destaca que a relação infraestrutura/superestrutura deve ser entendida dialeticamente. A infraestrutura determina a superestrutura e ao mesmo tempo é perpetuada por ela como um sistema no qual uma constitui a outra num processo cíclico. (MUSSALIM, 2011).

Excede-se, nos estudos althusserianos, a concepção de que a ideologia seja um mero conjunto de ideias que falseiam a realidade, partindo para a discussão da ideologia como prática material. “É na vida, nas interações do dia a dia, que os sistemas ideológicos constituídos encontram seu lugar” (PORTO; SAMPAIO, 2013, p.101).

No pensamento althusseriano, é por meio dos aparelhos ideológicos do Estado³, instituições concretas no controle da burguesia, que as práticas materiais de ideologia se materializariam, constringendo indivíduos a se tornarem sujeitos a partir da inscrição destes em posições de ordem política, religiosa, econômica. Acerca das ideologias, o filósofo distingue duas teorias: a teoria das ideologias particulares e a teoria da ideologia em geral. Mussalim (2011, p.115) esclarece:

Althusser, fazendo uma releitura de Marx, distingue uma ‘teoria das ideologias particulares’, que exprimem posições de classes, de uma ‘teoria da ideologia em geral’, que permitira evidenciar o mecanismo responsável pela reprodução das relações de produção, comum a todas as ideologias particulares. É nesse último aspecto que reside o interesse do autor.

³ Em sua obra *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*, Althusser (1970) designa por Aparelhos Ideológicos do Estado certo número de realidades que se apresentam aos indivíduos sob a forma de instituições concretas. O autor elenca uma série de AIE: o religioso, o escolar, o familiar, o jurídico, o político, o sindical, e o aparelho da informação, representado pela imprensa, rádio, televisão e outros possíveis.

Althusser percebia a ideologia como representação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência (ALTHUSSER *apud* PORTO; SAMPAIO, 2013). Se o estudo da ideologia deve ser dado a partir de suas materializações, a linguagem é veículo principal no qual a ideologia pode ser identificada. Essa possibilidade de perceber a materialidade linguística como produzida dentro de práticas materiais que advêm de aparelhos ideológicos, é que suscitará em Pêcheux a superação de um estudo da língua como “estrutura fechada, concebida como objeto científico, amputada do social, higienizada de qualquer relação com situações concretas” (CALVACANTE, 2012, p. 290); nesse contexto epistemológico surgirá a proposta de uma nova disciplina: a Análise do Discurso.

4. A LINGUAGEM COMO LUGAR DE CONTEMPLAÇÃO DA IDEOLOGIA: Pêcheux retoma Althusser

Ferdinand de Saussure (1857-1913) marcou os estudos da linguagem ao conceber a autonomia da língua. Saussure promoveu um corte nos estudos da linguagem, dedicando-se apenas à língua, distinguindo esta dos estudos da sua realização individual, a fala. No intuito de promover a Linguística a uma ciência nos ditames positivistas, Saussure elege a língua por considerar esta ser sistêmica e, portanto, formada por uma estrutura interna. Excluindo o sujeito da produção de linguagem, a Linguística saussureana apreendia a língua em sua totalidade a partir dos elementos que a formam. Dessa visão, que concebia a língua como um sistema de diferenças, inspirou o nascimento da corrente denominada Estruturalismo, que nas ciências humanas passou a adotar como método a visualização dos fenômenos como relacionados entre si num sistema fechado de relações.

Michel Pêcheux, tomado pelas leituras marxistas de seu mestre Althusser, resgata o sujeito da produção da linguagem, que também é sujeito que faz sua própria história, ao afirmar que o lugar que ele ocupa socialmente numa estrutura de classes determina os sentidos que produz. Essa ideia contrapõe-se à teoria do valor de vertente saussureana que afirma o significado ser “definido a partir de uma relação de diferenças no interior do sistema” (MUSSALIM, 2011, p. 114). Tal proposição acende a ilusão do caráter homogêneo da língua, como se ela não estivesse sujeita a equívocos, pois os sentidos estariam ali na superfície do sistema.

Ao teorizar que os sentidos não estariam nem na superfície do sistema formal, nem seriam produtos intencionais dos sujeitos, Pêcheux admite que a compreensão da produção

dos sentidos não estaria no domínio da língua ou da fala, mas na insurgência de outro objeto: o discurso. Orlandi (2012, p. 22) esclarece-nos:

O discurso não corresponde à noção de fala, pois não se trata de opô-lo à língua como sendo esta um sistema, onde tudo se mantém com sua natureza social e suas constantes, sendo o discurso como a fala, apenas uma sua ocorrência casual, individual, realização do sistema, fato histórico, a-sistemático, com suas variáveis etc. O discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto.

A partir da leitura da autora, percebemos em Pêcheux que “um discurso não pode ser analisado como uma estrutura fechada em si mesma” (PORTO; SAMPAIO, 2013, p. 94). O discurso é efeito de sentidos entre locutores (ORLANDI, 2012). Os sentidos, nesse contexto, são influenciados pelos lugares que dois sujeitos ocupam numa determinada formação social (PORTO; SAMPAIO, 2013).

Ante essa complexidade nos estudos dos sentidos da língua, a Linguística de Saussure não seria capaz de acomodar, pois “não proporcionava uma teoria do sujeito, tampouco se preocupava com a ideologia” (PORTO; SAMPAIO, 2013). Mas, apenas “uma teoria do discurso, concebido como o lugar teórico para o qual convergem componentes linguísticos e socioideológicos” (MUSSALIM, 2011).

A Linguística, desse modo, apresentava-se como horizonte para o projeto althusseriano (MUSSALIM, 2011). Como Althusser considerava que as ideologias tinham existência material, “a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua” (ORLANDI, 2012, p. 17). A linguagem é então lugar excepcional de contemplação da ideologia, e desse modo, via necessária para compreender as instâncias das manifestações ideológicas.

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queira dizer o que realmente dizem’ e que mascaram, assim, sob a ‘transparência da linguagem’, aquilo que chamaremos o **caráter material do sentido** das palavras e dos enunciados (PÊCHEUX, 1988, p. 160, grifo do autor).

Althusser produz condições para que Pêcheux afirme que o sentido das palavras não existia em si mesmo ou na oposição a outra palavra do sistema formal. O sentido “é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)” (PÊCHEUX,

1988, p. 160). Distanciando-se do esquema de comunicação de Roman Jakobson, no qual emissor e receptor estariam espacialmente representados no processo de produção de uma mensagem, Pêcheux vai afirmar que para a produção de sentidos possa se tornar possível, é preciso que os sujeitos enunciem-se a partir de seus lugares sociais. A linguagem, desse modo, reproduziria as relações de produção e conseqüentemente seria lugar de visualização do funcionamento da ideologia.

Assim, Pêcheux propõe uma análise automática do discurso com a parceria de Catherine Fuchs. Em resumo, esse projeto oferecia, segundo Mussalim (2011, p. 118), uma relação de “determinadas **condições de produção** [...] com os processos de produção de um discurso” (grifo do autor). Dessa forma, permite-nos afirmar que seqüências discursivas analisadas que tivessem identidade entre si, produzidas em condições estáveis de produção, seriam produtos determinados por uma máquina discursiva, que se apoiaria, por sua vez, nas formações sociais⁴ dos sujeitos. Nesse pensar, a análise automática do discurso exploraria discursos mais homogêneos, situando-os para máquinas discursivas fechadas sobre si mesmas. Cada discurso implicaria uma nova maquinaria discursiva.

As máquinas discursivas gerariam processos discursivos que funcionariam a partir daquilo que Pêcheux (1997) chamou de formações imaginárias. Tais formações definem os papéis dos locutores e as ideias que eles têm dos seus interlocutores (PORTO; SAMPAIO, 2013). O sujeito, por não ter acesso às reais condições de produção de seu discurso, representa essas condições de maneira imaginária (MUSSALIM, 2011). É o jogo de imagens do discurso, no qual o locutor imagina seu interlocutor e a si mesmo e a partir dessas representações produz seu dizer, que se determina aquilo que vai ser dito numa interação real entre sujeitos. “Podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (ORLANDI, 2012, p. 39). Nesse caminho, Pêcheux teoriza o sujeito da produção linguística como uma forma inscrita na história; ele é assujeitado pelo lugar social de onde enuncia.

Acerca das condições de produção, Orlandi (2012, p. 30) afirma que se tratam “em sentido estrito das circunstâncias de enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, [...] incluem o contexto sócio-histórico, ideológico”. Mussalim (2011), por sua vez, destaca que se tratam dos mecanismos de colocação dos protagonistas e do objeto do discurso. Tais concepções de discurso permitem-nos afirmar que, para a Análise do Discurso,

⁴ Mussalim (2011) destaca a origem da concepção de formações sociais na literatura althusseriana, afirmando que elas designam, em determinado momento histórico, um estado de relações, de aliança, antagonismo ou dominação, entre as classes sociais de uma sociedade.

as condições de produção seriam elementos estruturantes da constituição de sentidos, dessa forma, a língua não teria seus sentidos preestabelecidos no seu sistema de signos. O próprio discurso vai construindo os sentidos à medida que os sujeitos exercitam a língua. Os sujeitos se significam pela História e pelas condições materiais que lhe são impostas na vida, portanto não constituem a fonte do seu dizer.

No bojo das revoluções que marcaram a década de 1960, o projeto da Análise do Discurso certamente privilegiava discursos políticos produzidos em condições estáveis. Diante disso, Mالدیدیر (1997) lembra que a Análise do Discurso pecheutiana oferecia novos meios de abordar a política, a partir da arma científica da Linguística. Essa arma, para ter efetividade, deveria não apenas se limitar ao solo estruturalista dos estudos linguísticos, mas inscrever as formulações linguísticas produzidas na racionalidade do Materialismo Histórico, de modo a contribuir para a transformação da sociedade, pois o aparecimento de uma materialidade linguística não estava sujeita apenas às regras de combinação da língua, mas era produto de sujeitos que se enunciam a partir de suas condições materiais de existência.

O próprio Pêcheux (*apud* Cavalcante, 2012, p. 291) afirma que seu propósito ao conceber uma nova disciplina era “contribuir para o avanço dos estudos na perspectiva do materialismo histórico, do efeito das relações de classe sobre o que se pode chamar as **práticas linguísticas**” (grifo nosso). A Análise do Discurso ambiciona compreender como os sentidos se constituem no emaranhado das relações sociais que os sujeitos históricos tramam entre si.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao conceber uma disciplina que propusesse deslocar o estudo do sentido para além de uma linguística estruturalista, Pêcheux inaugura um projeto teórico-analítico que conciliava Linguística, Psicanálise e Materialismo Histórico. A conexão entre a Linguística, por meio de suas teorias dos mecanismos sintáticos, bem como da enunciação, a Psicanálise com a descoberta de um sujeito dividido entre o consciente e o inconsciente, e o Materialismo Histórico que trazia as relações materiais travadas entre os sujeitos, possibilitou um alargamento dos estudos de Saussure, convocando para outro terreno os estudos do sentido.

É preciso lembrar que foi pelos postulados de Saussure que a Linguística adquiriu status de ciência. O fecundo desenvolvimento das ideias de Saussure pelos pensadores que o

sucederam, permitiu que a Linguística tornasse uma espécie de ciência piloto das ciências humanas (FERREIRA, 2013) inspirando modelos metodológicos para outras epistemes.

Althusser, ao reler Marx, afirma que este tinha deixado mais que teorias de ordem econômica, mas um verdadeiro continente científico capaz de alocar as ciências humanas, em contraposição ao continente Física e o continente Matemática. Diante disso, compreendemos que, para Althusser, as ciências humanas careciam de procedimentos metodológicos capazes de lhes dar rigor científico. O horizonte científico do Materialismo Histórico seria avistado como a solução para a problemática.

Influenciado pelas ideias de Althusser, Pêcheux formula a Análise do Discurso ao inscrever a língua, que saturada pelos estudos estruturalistas não dava conta da compreensão do processo de produção dos sentidos, em novo terreno: o Materialismo Histórico. Assim, propõe um objeto à disciplina: o discurso. Tal inscrição permite ao linguista transpor os limites da palavra e da frase a partir da introdução da exterioridade e do lugar social do sujeito como constituintes da produção de sentidos. Nessa exterioridade constitutiva dos sentidos, as relações de produção que determinam as práticas materiais de ideologia vão fazendo a realidade histórica dos sujeitos. Dessa forma, Pêcheux contribui com os estudos da linguagem, ao refletir que é preciso atribuir significação à vida em sociedade e a língua é a estrutura que permite aos sujeitos sociais atribuírem sentidos às suas condições de existência.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos ideológicos do estado*. Lisboa: Presença, 1970.
- _____. O materialismo histórico e o materialismo dialético. In: ALTHUSSER, L.; BADIOU, A. *Materialismo histórico e materialismo dialético*. São Paulo: Global, 1979.
- _____. A filosofia como arma da revolução. In: *Posições II*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- CARNOY, Martin. *Educação, economia e estado: base e superestrutura, relações e mediações*. São Paulo: Cortez, 1990.
- CAVALCANTE, M. do S. A. de O. A análise do discurso e sua interface com o materialismo histórico. In: ZANDWAIS, A. (org.). *História das ideias: diálogos entre linguagem, cultura e história*. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2012.
- FERREIRA, A. C. F. *Uma história da linguística: entre nomes dos estudos da linguagem*. Campinas: Editora RG, 2013.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2014.
- GREGOLIN, M. do R. V. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: Claraluz, 2004.
- MALDIDIER, D. Elementos para uma história da análise do discurso na França. In: ORLANDI, E. (org.) *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- MARX, K. Posfácio à segunda edição. *O capital*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

- MARX, Karl; ENGELS Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Tradução: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Editora Escala, 1998a.
- _____. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1998b.
- MUSSALIM, F. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2011.
- NETTO, J. P. Elementos para uma leitura crítica do Manifesto Comunista. In: MARX, Karl, Engels, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Cortez, 1998.
- _____. *Economia Política: uma introdução crítica*. São Paulo: Cortez, 2008.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.
- PÊCHEUX, M. e FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- PORTO, L. M. F.; SAMPAIO, M. C. H. Bakhtin e Pêcheux: leitura dialogada. *Polifonia* (UFMT), v. 20, n. 27, p. 89-106, 2013.
- ROCHA, A. E. *Dialectica e Ideologia em Althusser*, 1976. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8815/1/Dial%C3%A9ctica%20e%20Ideologia%20em%20Althusser.pdf>>. Acesso em 10 set. 2016.

Artigo recebido em: 20/05/17
Artigo aceito em: 20/07/17